

Gilberto Gil: um “superastro” no Ministério da Cultura

Mestranda. Letícia Ma. de Souza Pereira¹ (UFBA)

RESUMO: Um dos poucos negros a compor a equipe do governo do presidente Luis Inácio “Lula” da Silva, Gilberto Gil – Ministro da Cultura – faz de seu mandato palco para as mais diversas formas de intervenções políticas: seja através da literatura, ao compor um discurso todo em forma de cordel; seja por suas performances musicais e corporais, modificando o ritual de alguns momentos solenes; seja pela estética afro no tranças dos cabelos, entre outros. O objetivo desse trabalho é destacar algumas performances realizadas pelo ministro, e como o mesmo em seus discursos ministeriais vai representar as ambivalências e tensões de suas intervenções na Cultura brasileira.

Palavras-chave: *Performance – Política cultural – Gilberto Gil*

Introdução

Gilberto Gil é uma das mais influentes e criativas personalidades da música brasileira, além de ser autor de reflexões sobre a sociedade com seus dilemas e tensões. Sua trajetória no circuito musical começa com o disco “Louvação” de 1967 e se mantém até hoje produzindo e fazendo shows. O compositor já foi “Doces Bárbaros”, “Tropicalista”, tocou sertanejo, samba, reggae, xote, rock... pluralidade que ostenta até os dias de hoje.

Aqui reporto-me ao texto de Silviano Santiago (1978) “Caetano Veloso enquanto superastro”, mas para ler o compositor Gilberto Gil, e não mais Veloso, no livro **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural, enquanto superastro, ou seja, “espetáculo em que se irmanam uma atitude artística de vida e uma atitude existencial de arte confundindo-se”. O superastro para Santiago está constantemente representando, sendo um eterno ator de si, artificial seja no palco, seja na vida –, Silviano ainda destaca o “corpo” por aspecto plástico, “O corpo é tão importante quanto a voz; a roupa é tão importante quanto a música. O corpo está para a voz, assim como a roupa está para a letra e dança para música. (...) O artista se desdobra em criador e criatura.” (1978: 141)

Gilberto Gil usa seu corpo enquanto “capital cultural”¹ fazendo de sua roupa e estética parte importante no seu show/performance. Em reportagem, no jornal ATarde (28/09/1968), Gil falou de sua túnica africana usada no festival de 1968:

(...) E estou certo se tento ser bonito dentro da minha negritude, em mim a roupa não cai como uma abstração: ela se modifica no meu corpo, porque eu assim quero. Uso uma túnica muito mais para ser total, se ela é conveniente ou não, é apenas o que tenho que fazer... No palco, a minha roupa faz parte do espetáculo. Isto é importante: espetáculo. É a contradição: nesse festival, muitos aceitaram a música, mas vaiaram a minha roupa (...) (RISERIO, 1982)

Vale lembrar que, desde 67, os artistas tinham que enfrentar os festivais, a TV e os disco, fazendo surgir o superastro que unia talento musical com estilo e/ou imagem. A moda, neste momento, está relacionada tanto ao capitalismo (leia-se consumo), quanto à expressão de idéias, desejos e crenças em circulação na sociedade. Aqui a moda, ou seja, o corpo, pode ser visto enquanto discurso, criação, forma simbólica de afirmação de identidade, classe, gênero, etnia, etc..

¹ Termo utilizado por Stuart Hall, no texto “Que ‘negro’ é esse na cultura negra?”. In: Da Diáspora: identidades e mediações culturais. BH: UFMG / Brasília: UNESCO, 2003.

Segundo Edward Said, as representações intelectuais “são a actividade em si, dependentes de um estado de consciência que é céptica, comprometida, e continuamente devotada à investigação racional e ao juízo moral; e isto expõe um indivíduo em público e coloca-o em risco” (SAID, 2000:33). Esse risco citado por Said, encontra-se abrandado (ou talvez acentuado) na representação do superastro, pois o mesmo apresenta-se exercendo sua faculdade de representação em todo momento, o superastro está em constante malabarismo com suas máscaras, e assim pode, opinar para e/ou por um público. Para Silviano Santiago, o superastro, lido enquanto estilo de vida, utiliza-se dessa estratégia na tentativa de controlar sua própria imagem, já que o mesmo não tem como controlar seu público.

1 Gilberto Gil enquanto “superastro”

O artista, ou melhor, o superastro e interventor social, Gilberto Gil, foi um dos responsáveis, pelo movimento político-ideológico, dos anos 60-70, o Tropicalismo, o qual propunha a “revolução dos costumes” e teve grande impacto estético-cultural na sociedade brasileira da época. Segundo Gil, este foi o momento em que passou a fazer uma atividade “parapolítica”: era a música com a política. (GIL, 1988, p.24).

Seus posicionamentos ultrapassaram o campo poético-musical, Gilberto Gil resolve “nutrir de poesia o poder”. Em 1988, escreve - em co-autoria com Antonio Risério - o livro **O poético e político**, que articula as convergências e divergências do artista e do político. Com o objetivo de reconfigurar a imagem do “homem da estética” os artigos refletem o desejo de mostrar certa lucidez e qualificação para assumir uma administração pública, ser o “homem político” – Gil estava ensaiando à candidatura a prefeito de Salvador/BA – vetada por Waldir Pires –, chega a ocupar o cargo de vereador na Bahia, e atualmente, é Ministro da Cultura no governo de Luis Inácio “Lula” da Silva.

O superastro se anfibia (sic). Segundo Silviano Santiago, a produção artística brasileira apresenta um caráter anfíbio. Arte e política constituem a duplicidade ideológica e temática na literatura brasileira, ou seja, “a atividade artística do escritor não se desloca da sua influência política; a influência política sobre o cidadão não se desloca da sua atividade artística” (2004:66).

Os ensaios e entrevistas do livro **O poético e político** é introduzido pelo poema “Orgulho Civil” (1998:13) que sugere no caminhar de Gil pela Cidade de Salvador: o apoio e o apelo do povo brasileiro, a pele e a raça negra, a musicalidade e o desejo por um novo desafio (o de ser prefeito de Salvador). Assim, o poema conduzirá o ritmo do livro que tenta fugir, na nota dos autores, do estigma de livro campanha, afirmando ter sido constituído por fragmentos ensaísticos de um pensamento, porém, a obra não consegue escapar do seu projeto de candidatura. A obra dá bastante ênfase à multiplicidade cultural e, como sugere o poema, a composição preocupa-se com a construção de uma identidade nacional.

Afinal para Gil, “O Brasil é um curto-circuito antropológico: uma aventura de etnias e culturas em rotação, em conflito e em mestiçagem permanente, dos tempos coloniais aos tempos televisuais, quando nos dispomos a investir no Oiapoque ao Chuí” (GIL, 1988, p. 38).

Segundo Benedict Anderson (1989), toda nação constrói e legitima seu discurso nacionalista dentro de uma visão fictícia de união entre os compatriotas, e esses discursos ainda é edificado pelo poder dominante, voltado unicamente para seus interesses excluem da “nação” os grupos minoritários fingindo não haver desigualdades, definida como “comunidade política imaginada”. Nesta perspectiva falar de identidade nacional recai no problema de construção de discurso, e todo discurso impõe seleção, memória – para registrar o que interessa e esquecer o que lhe for conveniente. É necessária uma revisão de valores, saber a partir de que discurso se concedeu essa visão de nação.

Para Silviano Santiago, os princípios que constituem a “comunidade imaginada” estão sendo minimizados pelo multiculturalismo e pela economia transnacional, sendo preciso desconstruir o conceito ‘nacional’ e ‘universal’:

(...) cada desconstrução do nacional, em sua fragmentação específica, é minimizada em favor de uma política de globalização atuante, que cria novas redes virtuais de comunicação, ao mesmo tempo que transcende o feijão-com-arroz dos sistemas políticos. (SANTIAGO, 2004:171)

Na letra de música “Pela Internet” (1996) o compositor apresenta elementos da cultura africana e indígena constitutivos da formação econômica, social e cultural brasileira, sem deixar de lado o fenômeno da globalização e a atual dificuldade de manter a vinculação de lugar, destacando a possibilidade de se compartilhar diferenciadas “nações” num mesmo espaço (virtual). Segue trecho:

Criar meu website
fazer minha home page
com quantos gigabytes
se faz uma jangada um barco que veleje
que veleje nesse informar
que aproveite a vazante da infomaré
que leve um oriki do meu velho orixá
ao ponto de um disquete de um micro Taipé
(FRÓES, 1996:368)

No *Discurso de posse do ministro da cultura Gilberto Gil na solenidade de transmissão do cargo* em 12/2002, em que propõe mudanças no equilíbrio de poder nas relações da cultural, o que é fundamental, pois, segundo Stuart Hall, sem estratégias culturais eficazes, os espaços da diferença continuarão sitiados e mal financiados. Para Gil,

Cultura é política social
Cultura é política econômica
Cultura é política urbana
Cultura é direito
Cultura é cidadania
Cultura é necessidade
Cultura é prazer
Cultura é o que nos situa no tempo e espaço
Cultura é bem-estar e prazer
Cultura é desenvolvimento

Eis o decálogo básico da cultura brasileira, o decálogo desta conferência [1ª. Conferência nacional de Cultura], do ministro da cultura, o decálogo que devemos reproduzir diariamente como um mantra, para que as portas se abram, e o sonho se realize.

Afinal, o “negro-mestiço empenhado nas movimentações de sua gente”, como se auto-denomina, vem, se destacando no Ministério da Cultura, não só por ser um dos poucos negros a compor a equipe do governo de Lula, mas por fazer de seu mandato palco para as mais diversas dicções utilizadas pelo superastro: seja através da literatura, ao compor um discurso todo em forma de cordel; seja por suas performances musicais e corporais, modificando o ritual de alguns momentos solenes; seja pela estética afro nos trançar dos cabelos, entre outros. O objetivo aqui nessas estratégias é destacar algumas performances realizadas pelo superastro.

Gilberto Gil (2004) afirma “não deixar o protocolo ministerial inibir o artista e o ser humano” mantendo atuante sua característica de *superastro*. Um fato relevante para a constituição ou apresentação dessa característica foi a imagem do Ministro da Cultura e do presidente Lula, na África, dançando. Era um ministro que se despidendo do formalismo da tradição ocidental, inseria em sua performance de ministro brasileiro, aspectos das tradições africanas, e aqui cabe um comentário do de seu colega Antonio Nóbrega:

Fiz questão de fazer aquilo e acho fundamental que você tenha colocado essa coisa do corpo na sua gestão. Você não é um político conceitual. Você bota seu corpo. Você dança. Você canta.(GIL, 2004)

Fugindo ainda aos citados protocolos ministeriais, encontra-se a utilização do corpo/estética de Gil como arma de construção identitária, a notar pelos cabelos “*rasta*” do ministro, mesmo com rejeições e críticas agudas a essa estética, sentimento justificado pelo rigor formal, pela simbólica e concreta importância do cargo, entre outros fatores - todos calcados na manutenção da tradição do imaginário estético eurocêntrico. Fernando Gabeira, após exílio na Europa, posiciona-se com relação à citada apropriação estética do compositor em estudo:

Gilberto Gil vestido de *trancinha* é uma coisa muito bonita e que tem muito o que fazer. E muita gente quer que ele se vista de português, um negro de cabelo curto, de bigode, exatamente como um português em negativo... É uma questão política, a trança do Gilberto Gil é uma questão política...(GABEIRA apud GASPARI; VENTURA; HOLANDA, 2000).

Como disse Gabeira, no período da ditadura militar, existe um conteúdo político-ideológico implícito na estética de Gilberto Gil - perceptível até os dias de hoje. O uso do repertório das artes corporais africanas, a assunção da negritude, nos trançar dos cabelos do ministro-*superastro*, contribui para o processo de reversão das representações negativas presentes no imaginário herdado pelo racismo. O cabelo aqui é lido como corpo social e linguagem, veículo de expressão e símbolo de resistência cultural.

Ainda, em suas intervenções políticas, destaca-se a presença constante de letras e performances musicais nos seus discursos, um exemplo, é o convite feito ao secretário geral da ONU – Kofi Annan – para tocar *conga* com ele, fechando com “*chave de ouro africana*” mais um evento formal. [coisas de *superastro*!!!]

É, também, no atual papel de ministro da cultura que pode ser observada a permanência da performance anfíbia de Gil. Um bom exemplo aconteceu na Calourada de 2006, festa de boas-vindas aos alunos novos da Universidade Federal da Bahia, no qual o ministro da Cultura foi convidado para tocar na abertura do evento. No palco sobe o artista. Os estudantes exigem o político e assim o faz Gil, artista e político se apresentam para deleite dos estudantes que cobram do ministro soluções na área da educação e do artista o show tão esperado, sem contar os estudantes que exigiam que o Gil negro se pronunciasse.

Deslocando um pouco a proposta de Silviano Santiago no texto “Uma literatura anfíbia” para o caráter anfíbio da literatura brasileira, tentei apropriar este caráter a música popular, já que, no Brasil desde os anos 30, é um dos lugares, nos quais a sociedade se manifesta, enfatizando características que elege como nacionais. Papel, normalmente atribuído à literatura, é apropriado pela Música Popular Brasileira devido à facilidade de difusão nos meios de comunicação de massa e a própria estrutura dos textos, produzidos para serem musicados. A MPB torna-se assim, um veículo importante no qual se dramatizam a vida política, os valores e as relações sociais. Porém, a postura de Gilberto Gil no cargo de Ministro da Cultura não se afasta da performance que vinha representando em sua trajetória musical, podendo ser mantido o caráter anfíbio, ou seja o caráter duplo de artista – no caso específico “*superastro*” - e político até os dias de hoje.

Homi K. Bhabha (1998), ao falar sobre a posição política, afirma que “(...) a dinâmica da escrita e da textualidade exige que repensemos a lógica da causalidade e da determinação através das quais reconhecemos o ‘político’ como uma forma de cálculo e ação estratégica dedicada à transformação social”. Modificando, por consequência, as formas de reconhecimento do momento da política, o que Bhabha chamou de espaço de tradução.

Na pós-modernidade a tradição é reescrita, o retorno às tradições é uma tentativa de consertar as distorções da história, dando a toda cultura importância. Assim os grupos excluídos passam a exigir alterações e ganham espaço. Segundo Silviano Santiago(2004), descida do palco, a “arte”, vai se dar no cotidiano, libertada de seu componente elevado e atemporal da modernidade. Atualmente, a mídia - cujas imagens, sons e performances ajudam a construir o tecido da vida cotidiana - vem modelando opiniões políticas e comportamentos sociais e fornecendo material com que as pessoas possam forjar sua identidade.

Vale destacar aqui, o ministro-superastro se apresentando, enquanto artista/cantor, num show exibido na novela das 20h, pela principal rede de televisão brasileira, a Rede Globo, no último capítulo da novela: **Celebridade**. A cena de Gilberto Gil cantando para a personagem Maria Clara Diniz (Malu Mader) e demais atores encerrava a novela - que abordou o culto às celebridades -, e teve a imagem do ministro sintonizada por mais de 80% da população brasileira.

Segundo o secretário-executivo do Ministério Juca Ferreira, a participação do ministro na novela “nao acrescenta e nem retira nada... Ele optou por ser ministro sem deixar de ser artista. As duas coisas dialogam, não são contraditórias”. Essa atuação do superastro não passa despercebida ela é tão importante para imagem de Gil, como cantor, quanto como ministro. O superastro enquanto representação se insere numa outra forma de representação – a telenovela - fazendo o papel de si mesmo. Não dá para esquecer a importância da cultura veiculada pela mídia cujas narrativas, imagens, sons e espetáculos ajudam a fornecer modelos, símbolos e mitos. A performance de Gil, no seu movimento de aproximação entre vida e arte, resgata uma prática que ultrapassa os seus elementos de expressividade do aqui e agora da vivência e amplia as fronteiras da investigação e da experimentação artística, e no caso em questão, da experimentação política.

Assim, surgem diferentes formas narrativas e de mediações que marcam a cultura e passam a veicular, no qual, se pode ver a vida política, os valores e as relações sociais. Inclusive nas produções de Gilberto Gil enquanto artista, político e intelectual brasileiro (sejam nas letras de músicas, na construção melódica, nas entrevistas, no seu corpo, na atuação política, etc.) aqui lidos enquanto discurso - forma simbólica de afirmação de identidade.

Referências Bibliográficas

- [1] BENEDICT, Anderson. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- [2] BHABHA, Homi. **O local da cultura**. BH: UFMG, 1998
- [3] FRÓES, Marcelo & RENNÓ, Carlos. **Gilberto Gil: Todas as letras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- [4] GASPARI, Elio; VENTURA, Zuenir, HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Cultura em trânsito: da repressão à abertura**. Rio de Janeiro: Aeroplano editora, 2000.
- [5] GIL, Gilberto & RISÉRIO, Antonio. **O poético e o político: e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- [6] _____. “Um luxo de Papo-cabeça” In.: **Almanaque Brasil de cultura popular**. Ano 6, no. 63, junho, 2004.
- [7] _____. **Discursos ministeriais**. Disponíveis em: <<http://www.cultura.gov.br>>. Acesso em: 10 ago 2006.

- [8] GOMES, Renato Cordeiro & MARGATO, Izabel. **O papel do intelectual hoje**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- [9] RISÉRIO, Antonio. **Expresso 2222**. Salvador: Corrupio, 1982.
- [10] SAID, Edward. **Representações do intelectual**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- [11] SANTIAGO, Silviano. “Caetano Veloso enquanto superastro”. In: **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- [12] _____. **Nas malhas das letras**: ensaios. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- [13] _____. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

¹ **Letícia Ma. Pereira**, mestranda em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura (UFBA, Pós-graduação em Letras e Lingüística)
laeticias@hotmail.com